

## Livros de nossos Professores

NEY BRASIL PEREIRA

### "A CEIA PASCAL"

Paulinas, S. Paulo, 1985 — 2ª edição

Texto e dramatização da Última Ceia, para celebração comunitária da Páscoa, com finalidade pedagógica e espiritual.

P. Ney é tradutor de inúmeros livros das mais diversas edições bíblicas no Brasil.

PAULO BRATTI

### "A FÉ NO DESTERRO"

Loyola, S. Paulo, 1983

Este livro do ex-diretor do ITESC aborda problemas teológico-pastorais da atualidade, procurando definir-se claramente dentro da perspectiva do Papa do Vaticano II e Puebla. É uma obra póstuma, coordenada pelo P. José A. Besen nosso ex-professor.

VALTER MAURÍCIO GOEDERT

### "A RESTAURAÇÃO DO DIACONATO PERMANENTE"

Loyola, S. Paulo, 1983

### "A CAMINHADA DO DIACONATO PERMANENTE"

Paulinas, S. Paulo, 1981

A preocupação pelo diaconato envolve Valter M. Goedert.

O autor oferece sua contribuição à recuperação do diaconato permanente e sua renovação na Igreja.

Estes estudos teológico-histórico-pastorais vêm qualificando o autor como assessor nacional dos Diáconos Permanentes no Brasil e assessor da CNBB.

HELACION RIBEIRO

### RELIGIOSIDADE POPULAR NA TEOLOGIA LATINO-AMERICANA

Paulinas, S. Paulo, 1985

O autor apresenta como o Deus de Jesus Cristo se manifesta na religiosidade popular dos pobres da América Latina. A religiosidade popular é estudada aí em suas diversas perspectivas teológicas, evidenciando o quanto é importante este caminho para a renovação da fé a partir de um novo processo de evangelização.

"A experiência vivida aqui terá e conservará um impacto incalculável. Em 29 anos de Bispo nunca tive uma experiência dessas. Começamos uma nova época. A despedida é difícil para os que se amam. Mas, se não se parte, não se retorna"<sup>10</sup>. Foi oferecida a ele uma cruz metálica, para que a mesma lembre em seu escritório a certeza das orações dos bispos brasileiros. Na cruz se liam palavras que comoveram o Cardeal Prefeito: "A cruz dos Bispos do Brasil ficou mais leve por sua ajuda, querido Cardeal Gantin."

**Em 29 anos de Bispo nunca tive uma experiência dessas. Começamos uma nova época.**

A que se referiria o Cardeal ao dizer: "Começamos uma nova época"? Os que estiveram em Itaici devem tê-lo compreendido. O fato é que começou uma nova fase nas relações Vaticano — CNBB, marcada por um diálogo estreito, profundo e fraterno. O diálogo é luz. Fechar-se ao irmão equivale a viver nas trevas.

#### Notas:

- 1 — Ef. 3, 8-9
- 2 — Ef. 1, 9-10
- 3 — Ef. 1, 4
- 4 — Mensagem dos Padres Sinodais ao Povo de Deus — SEDOC, março/1986/825
- 5 — Ibidem, 832
- 6 — Ibidem, 832
- 7 — Ibidem, 833
- 8 — PHILIPON, Michel, "A Santíssima Trindade e a Igreja" em, BARAUNA, G. A Igreja do Vaticano II. Vozes, Petrópolis, 1965. — p. 361
- 9 — RATZINGER, J. A fé em crise, E.P.U. — S. Paulo, 1985, p. 32
- 10 — NOTÍCIAS — Boletim semanal da CNBB, 17 de abril de 1986 — p. 3

Endereço do Autor: Casa Paroquial  
Praça Renato Ramos da Silva, 55 — Balneário  
88 075 — Florianópolis — SC

**Pe. Ney Brasil Pereira**

## A espiritualidade dos leigos

**Introdução** — Pretendendo discorrer sobre a espiritualidade "dos leigos", será preciso primeiro entendermo-nos sobre o que é "espiritualidade". Se vamos ao dicionário, p. ex., ao Aurélio, somos lá informados de que espiritualidade é "a doutrina acerca do progresso metódico na vida espiritual". Temos aí bons elementos, parece-me, para uma explicitação: trata-se da "vida espiritual", isto é, da vida de fé, apresentada

como uma realidade em processo, que progride e se desenvolve e cresce, e isto metodicamente, sistematicamente.

Nesse sentido encontramos, em Atos 2,42, um esboço de "método" da vida cristã, esboço de espiritualidade cristã, na fórmula sintética de Lucas: "Eles — os primeiros convertidos — mostravam-se assíduos ao ensinamento dos apóstolos, à comunhão fraterna, à fracção do pão e às orações". Trata-se de uma série de atividades, marcadas pela oração e pela convivência fraterna, que deviam penetrar e animar a vida cotidiana daqueles primeiros cristãos. Essa caminhada na fé, pois, não só na busca mas já no exercício da misericórdia (Lc 6,36) e da perfeição (Mt 5,48) do Pai, da santidade de Deus (1Pd 1,15s; cf Lv 19,2), eis o que é a espiritualidade do cristão, clérigo ou leigo.

Agora, então, qual o específico da espiritualidade dos leigos? Tentando responder a essa pergunta, mas não podendo fazer a pesquisa pessoalmente em primeira mão, recorri ao "Dictionnaire de Spiritualité", onde encontrei o verbete "Laic et Laicat", elaborado pelo grande teólogo francês Yves CONGAR, um dos precursores da moderna eclesiologia do Vaticano II<sup>1</sup>. De Congar já tínhamos, desde 1953, o livro notável: "Jalons pour une théologie du laicat" (Balizas para uma teologia do laicato). Seguirei, pois, o mestre. A maior parte do que apresentarei será tradução ao pé da letra. Mas há algum resumo e, num ou noutro parágrafo, algum acréscimo, p. ex. na referência que fiz aos mártires leigos, referência não-feita (!) por Congar. Começaremos com um apanhado histórico, partindo da Bíblia e dos primeiros séculos do cristianismo, até a Idade Média. Em artigos posteriores, se Deus quiser, prosseguiremos à pesquisa histórica, pretendendo oferecer, num segundo momento, com Congar, uma proposta de espiritualidade para o leigo hoje.

## 1. Apanhado histórico

### 1.1. Na Bíblia

Não tem muito sentido procurar uma "espiritualidade dos leigos" no Antigo ou no Novo Testamento. Nem se fala aí de "leigos". A palavra, por certo, já existia, é anterior ao vocabulário religioso cristão e independe do uso específico de laós no texto grego do Antigo Testamento. Encontra-se o vocábulo desde o 3o. séc. aC. nos papiros e inscrições, e no 2o. séc. aC. a língua cultural grega o emprega para designar os não-iniciados. Em algumas traduções da Bíblia em grego (não na LXX), laikós designa coisas, qualificando-as de "profanas", ordinárias, não especialmente consagradas a Deus (cf. 1Sm 21,5-6; Ez 22,16 e 48,15). No Novo Testamento não se encontra o termo. No cristianismo encontramos-o, pela primeira vez, na carta de Clemente de Roma (40,6), distinguindo o "leigo" dos sacerdotes e levitas<sup>2</sup>. Seu emprego continua raro até o 3o. século, quando então o encontramos em Tertuliano, Clemente de Alexandria, Orígenes e Cipriano, com o sentido de membro não-clérigo do povo de Deus, da Igreja.

**Não se fala de "leigos" e nem de "espiritualidade no Antigo ou no Novo Testamento.**

Já no Antigo Testamento, segundo as tradições do Pentateuco e dos Profetas, todo o povo era santo, consagrado, em todo caso chamado a ser santo: Ex. 19,6; Lv 19,2; Dt 7,6; 14,2; Jr 2,3 etc. Contra a tendência a reservar a certos personagens ou aos sacerdotes a designação de "santos" (cf. Eclo 45,24 gr.), percebe-se uma reação na dramática narrativa de Nm 16, da tradição sacerdotal (!): o levita Coré e os rubenitas Datã e Abiram, com mais duzentos e cinquenta "filhos de Israel", insurgem-se contra Moisés e Aarão, dizendo-lhes: "Basta! Toda a comunidade (‘edah) e todos os seus membros são santos, e Jahweh está no meio deles. Porque então vos exaltais acima da assembléia (gahal) de Jahweh?" (Nm 16,3) O desfecho da narrativa reprova o movimento, considerado revolta, mas põe às claras uma interpelação. Portanto, se "toda a comunidade é santa", não existe uma espiritualidade particular de sacerdotes e levitas, a não ser o conjunto de exigências e disposições que lhes dizem respeito como a ministros do culto. Interessante, porém, é a aplicação que a 1a. carta de Pedro faz, a todos os cristãos, da ética ou espiritualidade sacerdotal: "Como pedras vivas, sois edificados como casa espiritual para constituídes uma comunidade sacerdotal santa (trad. da TOB)<sup>3</sup>, oferecendo sacrifícios espirituais a Deus por Jesus Cristo" (1Pd 2,5). E ainda: "Vós sois a raça eleita, o sacerdócio real, a nação santa, o povo que Deus adquiriu para si. . ." (1Pd 2,9).

**Se "toda a comunidade é santa", não existe uma espiritualidade particular de sacerdotes e levitas.**

No cristianismo, a nível de Novo Testamento, não se encontra uma espiritualidade própria dos "Leigos": todos são chamados a viver simplesmente a vida no Cristo e no Espírito. É verdade que as Cartas dos apóstolos desenvolvem elementos de exortação para uso de categorias particulares: escravos, pais, filhos, esposos, esposas etc. De modo semelhante (cf. cartas pastorais), oferecem perspectivas de espiritualidade para uso dos servidores do evangelho, sem que se trate sempre de ministros instituídos. No entanto, é certo que existe, a nível dos evangelhos e das Cartas, alguma distinção entre todos e alguns, entre o rebanho e os pastores (Jo 21,15; At 20,28ss; 1Pd 5,3), o campo e os que o cultivam, o edifício e seus construtores (1Cor 3,9). Mas os segundos não formam sempre um grupo definido de forma fixa e institucional<sup>4</sup>. Acontece que o título de "irmãos" designa antes os que chamamos "os fiéis", mas é um termo comum a todos os que partilham a mesma fé e praticam o mesmo culto cristão. Se existe uma paternidade do ministro do evangelho (cf. 1Cor 4,15; Fm 10), ela não gera filhos, mas irmãos. As primeiras gerações cristãs se chamavam "discípulos", "irmãos", "santos", "comunidade (= Igreja) de Deus".

### 1.2. Nos primeiros séculos — até Gregório Magno (+604)

O sentimento dominante é sempre que todos os batizados são Igreja: esta é o "nós" dos cristãos. Nela, eles têm parte nos bens celestes, escatológicos. Este mistério santo da Igreja existe em cada fiel, é vivido por ele. Sirva de exemplo

a Didascália siríaca do séc. III, reproduzida nas Constituições Apostólicas II,26,1 (ed. F.X.Funk p. 102s), que assim se dirigem aos leigos, expressamente: "Escutem vocês, os leigos, que são a Igreja eleita de Deus. Pois se o primeiro povo já se chamava Igreja, vocês, vocês são a Igreja católica e sacrosanta, um sacerdócio real, uma santa multidão, um povo adquirido, uma grande Igreja, esposa adornada para o Senhor Deus".

***O sentimento dominante é sempre que todos os batizados são Igreja.***

Entra-se na Igreja pela fé professada no batismo. Este sacramento faz do batizado um membro do Corpo de Cristo, com a qualidade sacerdotal que pertence aos membros do Sumo Sacerdote. Os fiéis são nutridos, na Igreja, tanto pelo contacto com as Escrituras, como por uma mistagogia que os introduz na celebração dos mistérios. Assim os fiéis são formados, não tanto em devoções — como será o caso na Idade Média — quanto numa mística dos mistérios da fé e na celebração litúrgica. Eles consomem sua comunhão no mistério do Cristo, vivificado pelo Espírito, na Eucaristia. A espiritualidade dos leigos consiste em participar ativamente do mistério e da vida da Igreja, graças ao ministério dos bispos e dos presbíteros<sup>6</sup>.

Como? Intervindo em sua condição de leigos, como parte subordinada mas ativa, nas decisões: eleições ou aprovação dos ministros, concílios, costumes etc.; e exercendo seus dons e carismas próprios, o que supunha primeiro um sentido e um respeito das iniciativas do Espírito. Assim é que, p. ex., Justino e Orígenes colocam seus dons a serviço da fé.

Sinal esplêndido dessa maturidade, dessa consciência de serem Igreja, é o testemunho dos mártires leigos: desde a multidão anônima dos protomártires de Roma, na perseguição de Nero (cf. Carta de Clemente 6, 1-3), até as figuras conhecidas do já citado Justino, no séc. II, de Perpétua e Felicidade, nos inícios do séc. III, de Sebastião, Cecília, Inês, Pancrácio e tantos outros, nas perseguições de Décio e de Diocleciano.<sup>7</sup>

***"Não se pode ir ao sapateiro, ao açougueiro, ou mesmo às termas, sem que aí se fale da geração eterna do Filho".***

Bom número de leigos se interessavam pelas questões dogmáticas e teológicas. E não só a elite culta, à qual os Padres muitas vezes dirigiram cartas e tratados, mas até o povoinho simples, como consta do testemunho de Gregório Niseno: "Não se pode ir ao sapateiro, ao açougueiro, ou mesmo às termas, sem que aí se fale da geração eterna do Filho" (PG 46,557). Semelhante é o testemunho de Jerônimo sobre o canto dos salmos na boca dos trabalhadores humildes, nos campos e nas vinhas junto a Belém<sup>8</sup>. Muito viva é a convicção de que, conhecendo a verdade, sobrevivem a obrigação de comunicá-la: "Todo aquele que pode

proclamar a verdade e a cala, será julgado por Deus" (Justino, "Diálogo com Trifão", 82). S. João Crisóstomo é particularmente incisivo a respeito, como também o é Sto. Agostinho (PL 37,1243).

Os leigos exerciam seu serviço sacerdotal participando não só na Eucaristia mas também na salmodia, de manhã e à noite, e nas vigílias semanais. João Crisóstomo afirma que, exceto quanto ao matrimônio, o monge e o cristão que vive no mundo têm as mesmas obrigações (PG 57,81s); e as bem-aventuranças são para todos (PG 63,67s). Entretanto, vai florando a opinião de que os monges vivem de modo mais perfeito e são um exemplo para os leigos. Da mesma forma, embora proclamem a beleza do matrimônio, os Padres afirmam a superioridade da virgindade.

Por outro lado, mesmo os autores que exaltam a vida monástica, afirmam que um leigo pode ultrapassar um monge em santidade (PL 73,783s). Pois afinal o que conta, o que mede a perfeição, qualquer que seja o estado de vida, é o amor de Deus e o do próximo segundo Deus (cf. João Crisóstomo, PG 60,399).

Agostinho desenvolveu toda uma ética do uso das criaturas na base da distinção entre o que se pode fruir, o Bem absoluto, e aquilo de que só se pode servir em vista do Bem absoluto, isto é, os bens relativos, todos os valores temporais (cf. PL 34,20s, etc.). Esse ideal de referência escatológica, com os modelos de vida ascética e monástica, podia dar origem a uma espiritualidade de desprezo e fuga do mundo, tanto mais que entre os Padres do 3o. ao 5o. século se percebe um sentido pejorativo do corpo. De fato, poucos temas exigem mais atenção e perspicácia que o do "desprezo do mundo", expressão que está ausente das antigas legislações monásticas ou, como em João Cassiano, tem um sentido concreto, \*circunstanciado, existencial (para o monge), de amor preferencial por Deus. O ponto de vista é ascético, ou de antropologia espiritual, não de metafísica dualista.

Quanto aos "deveres de estado", já dissemos acima que os apóstolos, nas Cartas, já mencionavam as obrigações de cada categoria. A partir do séc. III se estabelece a tendência a "canonizar" certas categorias em "coros" ou "ordens": "ordem das viúvas", "ordem dos casados", "ordem das virgens" (cf. Tertuliano). Após Constantino, diversos privilégios e regras começam a distinguir "clérigos" e "fiéis". Assim vai-se preparando a famosa expressão de Graciano, do séc. XII, num texto que ele atribui a Jerônimo: "Duo sunt genera christianorum": "Dois são os tipos de cristãos": uns, dedicados às coisas divinas. . . e outros, os leigos, aos quais é permitido possuir bens temporais. . . (cf. texto completo na col. 87 deste mesmo artigo, no original).

***A partir do séc. III se estabelece a tendência a "canonizar" certas categorias em "coros" ou "ordens".***

Eusébio, no começo do séc. IV, na sua "Demonstração Evangélica", declara: "Segundo as instruções do Mestre, os discípulos adaptaram sua doutrina aos diferentes graus de capacidade das multidões. . . Assim, duas maneiras diferentes de viver se distinguem doravante na Igreja de Cristo. A

primeira ultrapassa a natureza e o modo habitual de viver, não admitindo matrimônio nem procriação, nem comércio nem posses. Afastando-se da vida de todos os dias, ela se volta exclusivamente, inundada de amor celeste, ao serviço de Deus. . . A dos outros é menos sublime. Eles vivem castamente no matrimônio e se dedicam à propagação do gênero humano: ocupam-se dos negócios e do exército, da agricultura e do comércio. . . Para eles se determina uma hora para seus exercícios de piedade e certos dias são consagrados à instrução religiosa e à leitura da lei de Deus". (PG 22,76s).

Assim se chega a distinguir e a hierarquizar categorias, p. ex. na ordem de procissão indicada em 396 por Victrício de Ruão (PL 20,445). Reportando-se à distinção dos "três tipos de homens" que já Orígenes mas sobretudo Agostinho haviam ligado às figuras de Noé, Daniel e Jó, Gregório Magno (+604) sistematiza a distinção entre três categorias de fiéis: os pastores, os celibatários, e os casados ("Moralia" I,14,20: PL 75,535). Aqui, porém, já entramos no período da Idade Média que, por razões de espaço, examinaremos numa próxima oportunidade.

**Gregório Magno († 604) sistematiza a distinção entre três categorias de fiéis: os pastores, os celibatários, e os casados.**

**Conclusão** — A síntese histórica acima é muito sucinta. Congar a referenda naturalmente com ampla bibliografia que cita, e que aqui omiti. Mas é muito difícil reduzir a complexidade dos fatos, ainda mais tratando-se de um período de vários séculos, a algumas páginas de avaliação. Em todo caso parece clara a tendência a radicalizar, como se fará ao longo da Idade Média e depois, a separação, não apenas a distinção, entre clero e laicato, entre a "perfeição" da vida religiosa e a "imperfeição" da vida no "mundo", no "século". O luminoso cap. IV da "Lumen Gentium", sobre os leigos, mantendo, é claro, a distinção, supera a separação. Possa o próximo Sínodo, sobre os leigos, dar mais alguns passos ainda, nessa direção.

#### Notas:

- 1 "Dictionnaire de Spiritualité", fasc. 59-60, Beauchesne, Paris 1975, cols. 79-108. Omito quase totalmente as referências bibliográficas, numerosas, de Congar: os interessados confirmam o original. As siglas PL e PG indicam, respectivamente, Padres Latinos e Padres Gregos da coleção Migne.
- 2 Num texto, porém, que alude à liturgia do Antigo Testamento.
- 3 TOB = Traduction Oecuménique de la Bible, NT, Du Cerf, Paris 1972
- 4 Algumas linhas acima, Congar já fizera a mesma ressalva, mas sem prová-la. A meu ver, parece-me o contrário: trata-se sempre de alguma forma de "ministérios instituídos" e de um grupo sempre "definido em forma fixa e institucional".
- 5 Mas cf. a 1a. carta de João: "filhinhos" . . . (1 Jo 2,1.12.14.18.28 etc.)
- 6 Congar não menciona aqui, por um lapso, os diáconos, certamente atuantes na Igreja, nesse período.
- 7 Esta alínea sobre os mártires leigos não se encontra no original.

<sup>8</sup> Esta notícia de Jerônimo não se encontra em Congar. Cito-a de memória.

Endereço do Autor: R. Dep. Antonio Edu Vieira, 476  
88.040 — Florianópolis — SC.

**Pelo Diretório Acadêmico Paulo Bratti:  
Vilmar M. Euzébio (3º ano); Jesus Jimenez (3º ano),  
Márcio Bartel (3º ano) e Leocádio Espíndola (3º ano)**

## Visão crítica do leigo na Igreja

Não podemos negar que após o Concílio Vaticano II o leigo passou a ter uma atuação própria e específica dentro da Igreja. Começou a exercer papéis e tarefas que até então eram somente de competência da hierarquia. No entanto, a realidade atual parece-nos mostrar que ainda estamos muito aquém das propostas e objetivos conciliares em relação ao leigo. Lembramos que os bispos em Puebla fazem "um apelo urgente aos leigos para que se comprometam na missão evangelizadora da Igreja, missão da qual a promoção da justiça é parte integrante e indispensável e que mais diretamente diz respeito à tarefa leiga, sempre em comunhão com os pastores" (DP. 827). Frisamos e concordamos com essa comunhão, salientando porém, que esse objetivo não significa total submissão dos leigos ao clero.

Assim sendo percebe-se na realidade uma falta de apoio na formação de lideranças, valorização das que já existem e incentivo para as futuras.

Deparamos também com a preocupação dos leigos em relação aos documentos da Igreja. Eles acham de suma importância a (tradução) dos documentos em linguagem mais popular, para que assim atinjam melhor as bases.

Os jovens reclamam valorização e estímulo no trabalho pastoral.

O ecumenismo, tão necessário numa Igreja que vive em meio ao pluralismo, parece lento e difícil.

Certo autoritarismo por parte de alguns clérigos foi denunciado por alguns leigos, que se sentiram atingidos e prejudicados na ação pastoral.

"O leigo deve trazer ao conjunto da Igreja a sua experiência de participação nos problemas, desafios e urgências do seu "mundo secular" — de pessoas, famílias, grupos sociais e povos — para que a evangelização eclesial se enraíze com vigor" (DP 795). Mas será que esta oportunidade lhe é sempre dada?

Como bem escreveu Leonardo Boff: "Precisamos compreender

**O ecumenismo, tão necessário numa Igreja que vive em meio ao pluralismo, parece lento e difícil.**